

## SOCIEDADE TECNOLÓGICA E OS NOVOS PADRÕES DA INDIVIDUALIDADE<sup>1</sup>

*Adauto Lopes da Silva Filho\**

### RESUMO

Partindo dos elementos críticos de Marx e da sua tese fundamental de que o homem é o sujeito da sua própria história, o filósofo Herbert Marcuse busca compreender e evidenciar as mazelas da sociedade tecnológica que afeta a própria individualidade do ser humano ao ponto de levá-lo a participar da sua própria desumanização e exploração. Tomando essas considerações, este artigo objetiva demonstrar o pensamento de Marcuse ao examinar as razões pelas quais essa sociedade se torna desumanizadora e marcada por uma racionalidade tecnológica e instrumental, cujos sujeitos são os próprios homens que acabam por interiorizar a ideologia e os mecanismos dominadores do aparato dessa sociedade como se fizessem parte da sua própria natureza humana. Tudo isso bloqueia o desenvolvimento do ser digno do homem e das suas potencialidades, reduzindo-as ao consumismo e ao egoísmo, provocando uma padronização de comportamento e, conseqüentemente, novos padrões da individuação humana, do seu ser genérico. Portanto, apesar dos inúmeros benefícios proporcionados pelo desenvolvimento da tecnologia, a razão tecnológica e instrumental resultante desse desenvolvimento domina todos os setores da vida humana, determinando, inclusive, as aspirações e os desejos dos homens, fazendo emergir novos padrões da sua individualidade, afetando a sua vida individual e/ou coletiva.

**Palavras-chave:** sociedade tecnológica; razão instrumental; individuação.

---

<sup>1</sup> Artigo, com pequenas reformulações, relacionado ao grupo de pesquisa Teoria Crítica, Filosofia e Educação, coordenado pelo autor, publicado de forma impressa, em 2011, no livro já esgotado *Filosofia e cultura*, resultante da Primeira Semana de Pesquisa em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), realizada em 2009 pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC.

\* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e em Educação da UFC. Líder do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica, Filosofia e Educação. ORCID: 0000-0001-9061-840X Correo eletrônico: adautoufcfilosofia@gmail.com.

## **TECHNOLOGICAL SOCIETY AND THE NEW PATTERNS OF INDIVIDUALITY**

### **ABSTRACT**

*Starting from Marx's critical elements and his fundamental thesis that man is the subject of his own history, the philosopher Herbert Marcuse seeks to understand and highlight the ills of the technological society that affects the very individuality of the human being, reaching the point of taking it to participate in its own dehumanization and exploitation. Taking these considerations as a reference, this article aims to demonstrate Marcuse's thinking by examining the reasons why this society becomes dehumanizing and marked by a technological and instrumental rationality, whose subjects are the men themselves who end up internalizing the ideology and dominating mechanisms of the apparatus of that society as if they were part of their own human nature. This prevents the development of being worthy of man and his potential, reducing them to consumerism and selfishness, causing even a standardization of behavior and, consequently, generating new patterns of human individuation, of his generic being. Therefore, despite the innumerable benefits provided by the development of technology, the technological and instrumental reason resulting from this development dominates all sectors of human life, even determining the aspirations and desires of men, giving rise to new patterns of their individuality, affecting their individual and/or collective life.*

2

**Keywords:** *technological society; instrumental reason; individuation.*

## **LA SOCIEDAD TECNOLÓGICA Y LOS NUEVOS PATRONES DE INDIVIDUALIDAD**

### **RESUMEN**

*Partiendo de los elementos críticos de Marx y de su tesis fundamental de que el hombre es sujeto de su propia historia, el filósofo Herbert Marcuse busca comprender y evidenciar los males de la sociedad tecnológica que afecta la individualidad misma del ser humano, llevándolo incluso a participar en su propia deshumanización y explotación. Tomando como referencia estas consideraciones, este artículo pretende evidenciar el pensamiento de Marcuse al examinar las razones por las cuales esta sociedad se vuelve deshumanizante y*

*marcada por una racionalidad tecnológica e instrumental, cuyos sujetos son los propios hombres que terminan interiorizando la ideología y los mecanismos dominadores del aparato de esa sociedad como si fueran parte de su propia naturaleza humana. Todo esto bloquea el desarrollo del ser digno del hombre y sus potencialidades, reduciéndolos al consumismo y al egoísmo, provocando incluso una estandarización del comportamiento y, en consecuencia, generando nuevos patrones de individuación humana, de su ser genérico. Por tanto, a pesar de los innumerables beneficios que brinda el desarrollo de la tecnología, la razón tecnológica e instrumental resultante de este desarrollo domina todos los sectores de la vida humana, determinando incluso las aspiraciones y deseos de los hombres, dando lugar a nuevos patrones de su individualidad, afectando su vida individual y/o colectiva.*

**Palabras clave:** *sociedad tecnológica; razón instrumental; individuación.*

## 1 INTRODUÇÃO

O tratamento crítico de Marx dado ao idealismo e à economia política é o referencial da teoria crítica de Marcuse, revalidando a sua legitimidade histórica. Portanto, é a partir dos elementos críticos de Marx e da sua tese fundamental de que o homem é o sujeito da sua própria história que Marcuse busca compreender de que forma e através de quais mecanismos o homem renuncia à sua condição de sujeito da história e interioriza a ideologia dominante da sociedade tecnológica como forma predominante do seu ser, como se ela fizesse parte da sua própria natureza.

Marcuse examina ainda as razões pelas quais a sociedade tecnológica torna-se desumanizadora e marcada por uma racionalidade instrumental, mantendo o controle sobre seus membros, e como é possível que estes possam participar, até mesmo na vida cotidiana, da produção da sua própria desumanização e exploração. Para ele, a produtividade existente nas sociedades atuais, principalmente naquelas mais adiantadas, e a tecnologização dos meios de trabalho já deveriam ser suficientes para promover um bem-estar generalizado para a humanidade. No entanto, o que se observa é a perpetuação do caráter repressivo da sociedade. O controle não é exercido em prol do ser-digno do homem, mas em prol dos interesses dominantes, competitivos e egoístas. Nesse sentido, os ideais do iluminismo, cuja promessa era salvar o mundo das amarras da superstição, da ignorância e do medo, resultaram em fracasso. O homem, na tentativa de domínio absoluto sobre a natureza, termina por desenvolver um domínio sobre os outros e sobre

si próprio. Segundo Marcuse, isso é fruto da sociedade tecnológica que, apesar de se afirmar como liberal e democrática, bloqueia o desenvolvimento das potencialidades genéricas do homem, reduzindo-as ao consumismo e ao individualismo.

Tudo isso afeta o homem não somente na sua dimensão social, mas também na sua individualidade, em virtude da intrínseca imbricação ontológica dessas duas esferas do ser humano: o social e o individual. Deste modo, a sociedade tecnológica e, com ela, a razão instrumental, ao ganhar uma autonomia tão intensa como se não fosse o resultado das múltiplas determinações humanas, provocam novos padrões da individuação humana, do seu ser genérico.

Portanto, em que pesem os inúmeros benefícios proporcionados pelo desenvolvimento da tecnologia, a sociedade tecnológica e a razão instrumental que daí resulta provocam uma irracionalidade imperante, impondo-se, de forma abrangente, em todos os setores da vida humana, determinando, inclusive, as aspirações e os desejos dos homens, quer no plano individual, que no âmbito grupal.

## 2 A IRRACIONALIDADE DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

4

Em seu livro *A ideologia da sociedade industrial*, Marcuse considera que os ideais de liberdade defendidos pela ideologia burguesa não conseguiram realizar a sua suposta missão de emancipação humana, pois a sociedade industrial ou tecnológica levou a Razão humana a perder a sua potencialidade crítica, passando a ser, paradoxalmente, irracional<sup>2</sup>. Quer dizer, a Razão humana converteu-se em uma *Razão alienada*, desviando-se do seu objetivo emancipatório, próprio do iluminismo, transformando-se em seu contrário, ou seja, em Razão tecnológica ou Razão instrumental<sup>3</sup>. Por isso, Marcuse (1979, p. 14) afirma que “[...] essa sociedade [...] é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas [...]”.

Analisando o processo de desenvolvimento da sociedade tecnológica que desembocou nessa irracionalidade atual, Marcuse diz que as tendências religiosas,

---

<sup>2</sup> Marcuse (1979, p. 17) assevera que o irracionalismo da sociedade industrial provoca a destruição crescente dos seus membros, portanto “[...] o seu racionalismo arrasador que impele a eficiência e o crescimento, é, em si irracional”.

<sup>3</sup> Marcuse utiliza os termos: Razão científica, Razão tecnológica e Razão instrumental no mesmo sentido. Estes termos caracterizam a Razão específica da sociedade tecnológica, constituída a partir da ciência experimental, que passa a ser usada pelo homem como um fim, e não como um meio. É uma Razão constatante, que dizer, não considera a questão normativa, ética, da vida social dos homens.

políticas e econômicas que moldaram a ideia de liberdade do indivíduo no início da modernidade definiam o homem como o sujeito de certos padrões e valores que nenhuma autoridade externa deveria desrespeitar. Tais valores diziam respeito tanto às formas de vida pessoal como social, direcionados para o desenvolvimento das capacidades e habilidades do homem. Deste modo, o indivíduo, como ser racional, era considerado capaz de encontrar estas formas através do seu próprio raciocínio, adquirido por meio da liberdade de pensamento. “O dever da sociedade era conceder ao indivíduo tal liberdade e eliminar todas as restrições à sua linha de ação racional.” (MARCUSE, 1999, p. 75). Para que ocorresse esta racionalidade, seria preciso um ambiente social e econômico adequado, principalmente em relação ao trabalho. A sociedade liberal era considerada o local adequado para a realização do indivíduo nesse sentido, principalmente no que diz respeito à livre concorrência. Marcuse (1999, p. 76 e 77, grifo nosso) assevera que,

No decorrer do tempo, no entanto, [...] o processo de produção de mercadorias solapou a base econômica sobre a qual a racionalidade individualista se construiu [...] Sob o impacto deste aparato<sup>4</sup> a *racionalidade individualista* se viu *transformada* em *racionalidade tecnológica* [...] Esta racionalidade estabelece padrões de julgamento e fomenta atitudes que predispõem os homens a aceitar e introjetar os ditames do aparato.

5

Não obstante, a individualidade não desapareceu, porém “[...] tornou-se objeto de organização e coordenação em larga escala, e o avanço individual se transformou em eficiência padronizada.” (MARCUSE, 1999, p. 78). O indivíduo eficiente será aquele que segue as demandas objetivas do aparato industrial e, deste modo, o processo da máquina. A sociedade tecnológica dirige o pensamento e ação do homem, e a racionalização passa a ser padronizada pelos ditames lucrativos do mercado.

Desse modo, a autonomia da razão advogada no início da modernidade perde o seu sentido. A racionalidade do homem transforma-se “[...] de força crítica em força de ajuste e submissão [...] os pensamentos, sentimentos e ações do homem são moldados pelas exigências técnicas do aparato que ele mesmo criou.” (MARCUSE, 1999, p. 84). Decorre aqui a difusão, por toda a sociedade, de um conjunto de valores e normas específicos do aparato e, diga-se de passagem, bem propícios ao funcionamento e à manutenção da sociedade tecnológica, ou seja, do capitalismo avançado.

---

<sup>4</sup> Marcuse (1999, p. 77, grifo nosso) esclarece que o “[...] termo *aparato* designa as instituições, dispositivos e organizações da indústria em sua situação social dominante.”

Diante do capitalismo avançado e do desenvolvimento mais intenso da técnica, emerge a Razão instrumental, que se torna onipresente e ofusca a Razão emancipatória. Quer dizer, a afirmação da dimensão instrumental da Razão, cujo objetivo é a reprodução ampliada do capital, é a negação da sua dimensão emancipatória. É assim que a liberdade humana torna-se cada vez mais limitada, pois a perfeição da manipulação é tão grande que os indivíduos não percebem o seu domínio, principalmente em relação ao consumismo, tornando-se indiferentes à necessidade de mudança. Ironizando, Marcuse diz (1979, p. 63-64) que,

Se os indivíduos estão satisfeitos a ponto de se sentirem felizes com as mercadorias e os serviços que lhes são entregues pela administração, por que deveriam eles insistir em instituições diferentes para a produção de mercadorias e serviços diferentes? E se os indivíduos estão condicionados de modo que as mercadorias que os satisfazem incluem também pensamentos, sentimentos, aspirações, por que deveriam desejar pensar, sentir e imaginar por si mesmos?

Esse domínio da sociedade tecnológica se exerce principalmente por meio do consumo. Estimulam-se cada vez mais novas necessidades, inclusive as instintivas, levando os indivíduos a comprar mais produtos e a acreditar que existe a necessidade de adquiri-los. Assim, os indivíduos ficam completamente escravizados ao fetichismo do mundo do produto, “[...] recriando, desta forma, eles próprios o sistema capitalista, através das suas necessidades. Os produtos têm de ser comprados porque todos os outros também os compram [...]” (MARCUSE, 1974, p. 20). A compra é despertada pelo capitalismo, que estimula a necessidade de tais produtos.

A cristalização da ordem social que domina os indivíduos por meio do consumo se intensifica, à medida que aumenta a produtividade do trabalho e a abundância de produtos, instaurando-se, também, “[...] a manipulação e controle da consciência e do inconsciente, que se transformam num dos mecanismos reguladores mais necessários do neocapitalismo.” (MARCUSE, 1974, p. 19). Por manipular a consciência do homem, a esfera do consumo também é um fator na formação de seu comportamento.

Marcuse comenta que, através do consumo, ocorre a igualdade ilusória entre as classes, exercendo, nesse caso, uma função ideológica. A título de exemplo, ele diz que, “[...] se o trabalhador e o seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos [...]” (MARCUSE, 1979, p. 29), se todos leem o mesmo jornal, então, tem-se a ilusão da igualdade. Esse é “[...] um dos aspectos mais perturbadores da civilização industrial desenvolvida: o caráter racional de sua

irracionalidade.” (MARCUSE, 1979, p. 29). Isso é tão intenso que leva a comodidades, tornando questionável a própria noção de alienação, pois, em virtude do consumismo, “[...] as criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel [...]” (MARCUSE, 1979, p. 29); assim, o controle social está ancorado nas novas necessidades que a sociedade produziu.

Diante desse comando pelo consumismo, a sociedade industrial contemporânea tende a torna-se totalitária. O totalitarismo aqui não se refere apenas a uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também a “[...] uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos.” (MARCUSE, 1979, p. 24-25). Desse modo, as palavras e as ações do homem são redefinidas pela racionalidade do sistema na sua dimensão quantitativa; os produtos doutrina e manipulam o homem fazendo surgir um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais que conduzem a novos padrões da individualidade.

### 3 OS NOVOS PADRÕES DA INDIVIDUALIDADE SOB A RACIONALIDADE TECNOLÓGICA

7

Mencionamos no item anterior que os *padrões da individualidade no início da modernidade* diziam respeito à liberdade de pensamento e à autonomia do homem de qualquer autoridade externa (social e/ou sobrenatural), pois o indivíduo era considerado como um ser racional livre e autônomo, capaz de dirigir a sua própria vida e de desenvolver efetivamente as suas habilidades e faculdades humanas. Foram esses padrões que fundamentaram os princípios do liberalismo, principalmente nos séculos XVI e XVII. No entanto, esses padrões de individualidade foram se dissolvendo com o desenvolvimento, cada vez mais intenso, da máquina. Diz Marcuse (1999, p. 74-75, grifo nosso) que,

No decorrer do processo tecnológico, uma nova racionalidade e *novos padrões de individualidade* se disseminaram na sociedade, diferentes e até mesmo opostos àquelas que iniciaram a marcha da tecnologia... O indivíduo humano, que os expoentes da revolução burguesa haviam transformado na unidade fundamental, bem como no fim da sociedade, apoiava valores que contradizem flagrantemente os que predominam na sociedade hoje.

Naquela época, o princípio da individualidade consistia na afirmação de que o interesse próprio do indivíduo era racional, uma vez que resultava do pensamento autônomo e era guiado por ele. Tratava-se, sobretudo, do resgate da individualidade perdida na Idade Média. Deste modo, “[...] o homem tinha de superar todo o sistema de ideias e valores que lhe era imposto, para encontrar e apossar-se das ideias e valores que se ajustassem a seu interesse racional.” (MARCUSE, 1999, p. 75). Para garantir tal princípio, o homem vivia sob uma constante vigilância, a fim de rejeitar tudo o que não fosse verdadeiro nem justificado pela livre Razão. Daí a manifestação do seu caráter crítico, consistindo numa permanente inquietação e oposição aos bloqueios da sua liberdade, afinal, diz Marcuse, “[...] falsos padrões ainda governavam a vida dos homens e o indivíduo livre era, portanto, o que criticava esses padrões, buscava padrões verdadeiros e promovia a sua realização.” (MARCUSE, 1999, p. 75). A sociedade liberal, nos seus primórdios, foi o palco para a realização dessa pseudoliberalidade individual e social do homem.

Porém, a expansão paulatina da tecnologia na sociedade moderna tornou-se um aparato, absorvendo essa dimensão crítica e opositiva do homem, tanto em termos individuais como coletivos, estabelecendo padrões de julgamento e fomentando atitudes e pensamentos nos homens, a fim de aceitarem tal aparato. Comentando sobre o pensamento de Lewis Mumford a esse respeito, Marcuse (1999) diz que ele caracteriza o homem na era da máquina como sendo uma *personalidade totalmente objetiva*, uma vez que ele transferiu toda a sua espontaneidade subjetiva para a maquinaria. Nesse sentido, a *máquina* passa a ser o *fator*, e o *homem* passa a ser o *instrumento*. Todas as suas aptidões, percepções, conhecimentos e ações são voltados para os ditames padronizados da tecnologia.

Deste modo, os *padrões da individualidade* passam a ser regidos pela *racionalidade tecnológica*, cujo domínio chegou ao ponto em que “[...] esta racionalidade se tornou tal poder social, que o indivíduo não poderia fazer nada melhor do que adaptar-se sem reservas [...]” (MARCUSE, 1999, p. 78). Assim, o processo da máquina se estende sobre toda a sociedade e sobre todos os indivíduos. A consequência direta desse estado de coisas retroage nos diversos *setores* da vida pessoal e social dos indivíduos. Vejamos o que Marcuse nos diz quanto à sua incidência no *trabalho*, no *consumo* e na *consciência*, cujos padrões, não somente da individualidade, mas também

da dimensão social do homem, são intensamente modificados por meio da sociedade tecnológica avançada.

Quanto ao primeiro setor, ou seja, em relação ao *trabalho*, podemos dizer que, com o desenvolvimento do capitalismo, a individualidade do homem tornou-se cada vez mais abstrata, principalmente nessa esfera do trabalho, pois há um aumento considerável no número daqueles “[...] cuja individualidade é reduzida à autopreservação pela padronização [...]” (MARCUSE, 1999, p. 89), que é promovida principalmente pela indústria moderna. Aqui o treinamento vocacional para o trabalho requer combinações específicas de habilidades, adaptação psicológica e fisiológica, fazendo da personalidade “[...] um meio para atingir fins que perpetuam a existência do homem como instrumentalidade, que pode ser substituída a qualquer momento por outras instrumentalidades do mesmo tipo.” (MARCUSE, 1999, p. 89). Portanto, não importa o trabalhador enquanto ser humano, e sim o papel que a psicologia e a individualização possam desempenhar para “[...] a confiabilidade estereotipada, pois dão ao objeto humano a sensação de que ele se amplia ao desempenhar funções que dissolvem seu eu em uma série de ações e respostas exigidas.” (MARCUSE, 1999, p. 90). Ironizando, Marcuse diz que, nesse caso, a individualidade não somente é preservada, mas também promovida e recompensada em prol da padronização. Por isso, os indivíduos, no caso, os trabalhadores, são facilmente manipulados, pois os seus pensamentos, sentimentos, interesses são assimilados conforme o padrão do aparato.

O resgate do pensamento de Marx realizado por Marcuse é aqui inequívoco. Suas análises nos mostram que a *alienação do trabalho* de que falava Marx – cuja pedra angular é a exploração do trabalho e a alienação do trabalhador – não foi superada, e sim *intensificada*. Se antes o indivíduo era alienado principalmente porque não conhecia o processo do trabalho e por se tornar uma mercadoria no processo de produção, agora a sua alienação se intensificou, pois, além desse alheamento, também ele não conhece o processo da máquina nem tem consciência da exploração, uma vez que os novos padrões dão uma suposta ideia de liberdade. Marcuse diz que, em vez de o trabalhador utilizar-se da máquina, esta é que se utiliza do trabalhador, já que ele deve se comportar como um serviço, cuja obrigação é auxiliar a máquina, manipulando-a corretamente para o seu perfeito funcionamento.

Marcuse (1981b, p. 101) comenta que “[...] a alienação do trabalho está quase concluída. A mecânica da linha de montagem, a rotina do escritório, o ritual da compra e

venda estão livres de qualquer relação com as potencialidades humanas [...]", uma vez que tais potencialidades foram eliminadas pelo trabalho tecnológico. Diz Marcuse (1981b, p. 102-103) que

As energias humanas que sustentavam o princípio de desempenho tornam-se cada vez mais dispensáveis. A automação da necessidade e da superfluidade, do trabalho e do entretenimento, impede a percepção das potencialidades do indivíduo nesse domínio... A teoria da alienação demonstrou o fato de que o homem não se realiza em seu trabalho, que a sua vida tornou-se um instrumento de trabalho, que o seu trabalho e os respectivos produtos assumiram uma forma e um poder independente dele como indivíduo. Mas a emancipação desse estado parece requerer não que se impeça a alienação, mas que esta se consuma [...]

Tudo isso recai sobre a individualidade do homem, pois a mecanização do trabalho e a sua padronização levam a novas formas de individualização. Segundo Marcuse (1999, p. 102), a máquina "[...] individualiza os homens ao seguir as linhas fisiológicas da individualidade: distribui o trabalho para os dedos, mãos, braços e pés, classificando e ocupando as pessoas de acordo com a destreza desses órgãos." Aqui o homem é considerado um indivíduo somente em virtude da singularidade do seu corpo e de sua utilidade para a maquinaria<sup>5</sup>.

Dessa alienação se intensifica a reificação das relações humanas, teorizadas por Marx<sup>6</sup>, pois "[...] as relações entre os homens são cada vez mais mediadas pelo processo da máquina." (MARCUSE, 1999, p. 81). Parece paradoxal: os equipamentos mecânicos facilitam o contato entre os indivíduos; por outro lado, os distanciam em suas relações humanas. Marcuse (1999, p. 81) comenta que "[...] o homem médio dificilmente se importa com outro ser vivo com a intensidade e persistência que demonstra por seu automóvel." Nesse sentido, o comportamento humano se reveste da racionalidade do processo da máquina. A contingência nas relações sociais entre os homens é determinada pela padronização da lei da economia e da sociedade tecnológica. Nessa sociedade, diz Marcuse (1997, p. 165), as relações humanas "[...] não são acompanhadas

---

<sup>5</sup> Na sua obra *A ideologia da sociedade industrial*, Marcuse comenta essa mesma ideia da mecanização do homem no trabalho. Diz ele que "[...] o mundo do trabalho se torna a base *potencial* de uma nova liberdade para o *homem* no quanto seja *concebido* como uma *máquina* e, por conseguinte, *mecanizado*." (MARCUSE, 1979, p. 25, grifo nosso). Ainda na sua obra *Contra-revolução e revolta*, ele comenta o seguinte: "[...] a divisão técnica do trabalho decompõe o ser humano em operações e funções, coordenadas pelos planejadores do processo capitalista." (MARCUSE, 1981a, p. 82).

<sup>6</sup> Comentando sobre o trabalho alienado em Marx, Marcuse (1978, p. 257) atesta que "[...] os escritos mais antigos de Marx constituem a primeira constatação explícita do processo de reificação [...] pelo qual a sociedade capitalista faz com que as relações pessoais entre os homens tomem a forma de relações objetivas entre as coisas."

de felicidade [...]”, também as relações no processo de trabalho não são reguladas em função das necessidades e capacidades dos indivíduos “[...] mas em função da valorização do capital e da produção de mercadorias [...], essas relações funcionam somente na sua forma reificada.” (MARCUSE, 1997, p. 165). Marcuse (1981a, p. 101) comenta ainda que o atual mundo do trabalho “[...] se tornou um sistema de coisas animadas e inanimadas. A existência humana neste mundo é um mero recheio, material, substância, que não possui em si mesmo o princípio de seu movimento.”

Nesse sentido, os indivíduos passam a ser uma parte integral e fator da tecnologia, e a tecnologia passa a ditar modos de organizações, padrões de comportamento, formas de pensamento, mantendo os indivíduos e as relações humanas como instrumentos de dominação e de perpetuação do aparato, cujo meio mais intenso é o *consumo*. Aqui entramos no segundo setor mencionado por nós, pois a padronização do trabalho e da produção leva à *padronização do consumo*.

Essa padronização do consumo é decorrente das necessidades criadas pelo neocapitalismo. Marcuse (1999, p. 80) comenta que as descobertas e as invenções científicas são arquivadas logo que começam a interferir nos ditames lucrativos do mercado; assim, “[...] a necessidade, mãe das invenções, é, em grande parte, a necessidade de manter e expandir o aparato.” Daí o estímulo cada vez mais intenso do consumo supérfluo, cujo canal de realização é a criação de novas necessidades, não para a satisfação dos indivíduos, mas para a manutenção e expansão do capitalismo. Diz Marcuse (1974, p. 19) que

É de fato indispensável estimular cada vez mais novas necessidades, inclusive necessidades instintivas, para levar o Homem a comprar novos produtos sempre mais abundantes e a convencê-los de que existe efetivamente a necessidade da sua aquisição, e que estes produtos correspondem de fato a tal necessidade.

Por meio do incentivo ao consumo supérfluo, a sociedade domina os indivíduos, seus desejos e pulsões, pois as necessidades condicionadas<sup>7</sup> pelo aparato são intensamente estimuladas em detrimento das reais necessidades humanas.

---

<sup>7</sup> Para definir melhor essa questão, Marcuse faz uma diferença entre o que ele chama de necessidades *verídicas*, referentes à real satisfação humana, e as necessidades *falsas*, que são as criadas pelo sistema. Diz ele o seguinte: “[...] podemos distinguir tanto as necessidades verídicas como as falsas necessidades. *Falsas* são aquelas superimpostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-los: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. Sua satisfação pode ser assaz agradável ao indivíduo, mas a felicidade deste não é uma condição que tem de ser mantida e protegida caso sirva para coibir

A manipulação das necessidades é mais reforçada ainda com a afluyente liberdade de compra, levando o indivíduo a acreditar que ele agora é totalmente livre, pois pode comprar o que quiser, intensificando, assim, o consumo do desperdício. No entanto, afirma Marcuse (1979, p. 28) que “[...] a livre escolha entre ampla variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade se esses serviços e mercadorias sustentam os controles sociais sobre uma vida de labuta e temor – isto é, se sustentam a alienação.” As necessidades superimpostas, a escolha aberta e o consumismo não são fatores decisivos para a determinação do grau de liberdade humana; pelo contrário, reforçam cada vez mais a eficácia dos controles e a manipulação do aparato sobre os indivíduos, que passam a se identificar com a forma de vida que lhe é imposta.

Ao ser manipulado para o consumo, o indivíduo sacrifica-se, cada vez mais, para ter o poder de compra das mercadorias. A luta pela vida torna-se, cada vez mais, intensa, e a maior parte da população, que tem baixo poder aquisitivo, é obrigada a trabalhar além do que suas forças físicas e mentais permitem<sup>8</sup>. Afirma Marcuse (1974, p. 20-21, grifo nosso) o seguinte:

Paga-se demasiado caro, não apenas com o trabalho desumano, que destrói o *corpo* e a *alma*, hoje em dia exigido pela indústria altamente mecanizada... Estas atividades, física e espiritualmente destruidoras, constituem um preço demasiado alto, quando se pensa que este tipo de luta pela existência já não é, hoje em dia, fundamentalmente necessário e que, em vista da riqueza social existente e da possibilidade de aproveitar e distribuir as possibilidades existentes, é possível abolir a maior parte deste trabalho.

Portanto, os bens e serviços oferecidos controlam as necessidades e petrificam as faculdades dos indivíduos, que, em troca dos artigos que compram, “[...] vendem não só o seu trabalho, mas também o seu tempo livre.” (MARCUSE, 1981b, p. 99). As inúmeras opções e os inúmeros inventos, todos da mesma espécie, controlam a vida das pessoas e as mantêm ocupadas, distraíndo-lhes a atenção da sua real situação. Daí as inúmeras ofertas e facilidades do mercado, ampliando as perspectivas e facilitando a obtenção das necessidades do consumo. Em consequência disso, “[...] o *indivíduo* paga com o sacrifício do seu tempo, de sua consciência, de seus sonhos; a *civilização* paga com o sacrifício de suas próprias promessas de liberdade, justiça e paz para todos.” (MARCUSE, 1981b, p. 99, grifo nosso).

---

o desenvolvimento da aptidão (dele e dos outros) para reconhecer a moléstia do todo e aproveitar as oportunidades de cura. Então, o resultado é euforia na infelicidade.” (MARCUSE, 1979, p. 26).

<sup>8</sup> Marcuse (1974, p. 21) comenta que “[...] a presente crítica da sociedade de consumo revela que a Análise Marxista conserva ainda o seu valor.”

Entretanto, os indivíduos buscam a sua felicidade no consumo, pois encontram na mercadoria a plena satisfação das suas supostas necessidades. Nesse caso, os seus desejos são convertidos em mercadorias, perdendo-se a dimensão das reais necessidades na sua esfera afetiva, artística, educacional, etc.

A ilusão da liberdade por meio do consumo leva também ao domínio da *consciência* dos indivíduos. Aqui chegamos ao terceiro setor, sobre o qual incide o aparato da sociedade tecnológica, que é a *consciência*. Marcuse (1981a, p. 15-16) comenta que “[...] a esfera do consumo é uma área da existência social do homem e, como tal, determina sua consciência.” Vimos, no item anterior, que o indivíduo, no início da modernidade, era considerado como um ser racional e livre, capaz de desenvolver totalmente suas faculdades e habilidades para o seu bem viver social. No entanto, com o desenvolvimento do capitalismo, a sociedade tecnológica aboliu essas potencialidades do sujeito, pois os controles tecnológicos tornam-se a própria personificação da Razão humana. Desse modo, o impacto do progresso transforma essa Razão “[...] em submissão aos fatos da vida... Se os indivíduos se encontram nas coisas que moldam a vida deles, não o fazem ditando, mas aceitando a lei das coisas – não a lei da Física, mas a lei da sociedade.” (MARCUSE, 1979, p. 32). Marcuse (1981b, p. 36, grifo nosso) diz que até mesmo os desejos humanos dos indivíduos são alterados em virtude desse domínio da sociedade atual: “[...] tanto os seus desejos como a sua alteração da realidade deixam de pertencer, daí em diante, ao próprio sujeito; passaram a ser *organizados* pela sua sociedade. E essa *organização* reprime e transubstancia as suas necessidades instintivas originais.”

Desse modo, a consciência do indivíduo é barrada<sup>9</sup> pela sociedade, uma vez que a dominação é ignorada pelo próprio sujeito dominado, e o pensamento unidimensional é cada vez mais promovido. A ideologia dominante da sociedade tecnológica, produzida pelo próprio homem, leva os indivíduos a uma cegueira, moldando a sua consciência. O controle de informação, a absorção do indivíduo nas propagandas, o próprio conhecimento são administrados e condicionados pelo sistema de comunicação e de educação da sociedade. Diz Marcuse (1981b, p. 102, grifo nosso) que

---

<sup>9</sup> Marcuse (1979, p. 42) comenta que a *consciência* é barrada por “[...] uma sociedade na qual tanto os sujeitos como os objetos constituem instrumentos num todo que tem a sua razão de ser nas realizações de sua produtividade cada vez mais poderosa.”

*A máquina de educação e entretenimento une-os a todos os outros indivíduos, num estado de anestesia do qual todas as ideias nocivas tendem a ser excluídas. E, como o conhecimento da verdade completa dificilmente conduz à felicidade, essa anestesia geral torna os indivíduos felizes.*

A manipulação da consciência leva os indivíduos a aceitar os interesses do aparato de modo inquestionável, como se fossem realmente os interesses de todos. Disso resulta a impotência da consciência para o pensamento crítico, proporcionando, inclusive, a inclusão de setores importantes de oposição no próprio aparato e sem perder o título de oposição. Marcuse comenta que os grupos de oposição foram se transformando em partidos de massa. No entanto, essa transformação não dissolveu a estrutura burguesa da sociedade individualista; ao contrário, reforçou-a ainda mais, pois, “[...] sob o autoritarismo, a função das massas consiste mais em consumir o isolamento do indivíduo.” (MARCUSE, 1999, p. 88). A multidão, portanto, não é uma comunidade, e sim “[...] a realização perversa da individualidade [...]” (MARCUSE, 1999, p. 89), pois nela os indivíduos se unem não para o bem coletivo, mas para a busca dos próprios interesses. Diz ainda Marcuse (1999, p. 89-90, grifo nosso) que,

Na multidão, a restrição feita pela sociedade à busca competitiva do interesse próprio tende a tornar-se inócua e os impulsos agressivos são facilmente liberados ... Sim, é verdade que a multidão “une”, mas une sujeitos atomizados de autopreservação que estão desligados de tudo que transcende seus interesses e impulsos egoístas... As novas coordenadas *não* anseiam por uma *nova ordem*, mas por uma *fatia maior da ordem dominante*.

No interior das massas, a individualidade é reduzida à autopreservação pela padronização, pois o seu objetivo, como foi dito, não é a luta pela mudança, e sim pela correção da injustiça da competição. O princípio individualista aqui não é aquele preconizado pelos ideais de liberdade de desenvolvimento do eu enquanto parte do gênero humano, mas os interesses egoístas e competitivos de cada um. É principalmente nesse aspecto que o princípio individualista, advogado no início da modernidade, teve o seu sentido alterado<sup>10</sup>, pois não se trata mais de defender a liberdade do indivíduo no

---

<sup>10</sup> Marcuse (1999, p. 91) diz que “[...] atualmente, o tipo dominante de indivíduo já não é capaz de capturar o momento decisivo que constitui sua liberdade. Mudou sua função; de uma unidade de resistência e autonomia, ele passou a outra de maleabilidade e adaptação. É esta função que associa o indivíduo em massas.” Então, a contraposição entre indivíduo e sociedade, que originalmente deveria fornecer bases para uma reforma militante da sociedade no interesse do indivíduo, “[...] vem para separar e justificar o afastamento do indivíduo da sociedade.” (MARCUSE, 1999, p. 98). Portanto, na época da grande indústria “[...] as condições existenciais que formam a individualidade se rendem às condições que tornam a individualidade desnecessária.” (MARCUSE, 1999, p. 99). Deste modo, “[...] a criatividade e a originalidade individuais se tornaram desnecessárias.” (MARCUSE, 1999, p. 99). Também a cultura de massa “[...] está dissolvendo as

processo da sua sociabilidade, e sim de padronizá-lo conforme os ditames do aparato da sociedade tecnológica. No entanto, é preciso que o homem tome consciência dessa realidade, como afirma Marcuse (1999, p. 17): “[...] o homem tem de vê-la e passar da consciência falsa para a verdadeira<sup>11</sup>, do interesse imediato para o interesse real.”

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que, apesar dos inúmeros benefícios que a sociedade tecnológica pode trazer para a vida social dos homens, ela traz também muitos bloqueios, principalmente em relação ao processo de individuação do ser humano, uma vez que impede principalmente o desenvolvimento das potencialidades humanas voltadas para o ser digno do homem, fazendo surgir novos padrões de individualidade.

Portanto, o desfecho lógico dos *novos padrões da individualidade sob o domínio da sociedade tecnológica* é que a individualidade humana desapareça, quer dizer, o desenvolvimento do processo de individuação do ser humano na sua sociabilidade foi substituído pelos interesses do mercado, pelos padrões da competição; assim, “[...] a conquista individual foi absorvida pela eficiência [...]” (MARCUSE, 1999 p. 97), anulando a própria individualidade do ser humano.

Vimos que, para Marcuse (1999, p. 97), o aparato atual da sociedade tecnológica é a personalização e o término da racionalidade individualista, pois para este aparato “[...] racional é aquele que mais eficientemente aceita e executa o que lhe é determinado, que confia seu destino às grandes empresas e organizações que administram o aparato.” Trata-se do indivíduo na multidão, sem expressão nenhuma do seu ser genérico, apenas com os interesses de competição e de autopreservação. Desse modo, o aparato conduz ao isolamento dos indivíduos, levando-os a uma intensa resignação.

Esses padrões da individualidade favorecem o controle do aparato tecnológico sobre a consciência dos indivíduos, levando a uma consciência falsa e enfraquecendo, cada vez mais, o pensamento crítico. Portanto, é preciso resgatar a autonomia da consciência dos indivíduos para que eles percebam a essência dessa realidade, que, segundo Marcuse, refere-se a uma consciência verdadeira. Essa passagem da consciência

---

formas tradicionais de arte, literatura e filosofia junto com a personalidade que se desenvolveu ao produzi-las e consumi-las.” (MARCUSE, 1999, p. 99).

<sup>11</sup> Marcuse comenta que, apesar do domínio da razão tecnológica e do seu caráter irracional, não há uma anulação total da consciência. Portanto, “[...] a distinção entre consciência verdadeira e consciência falsa, entre interesse real e imediato, ainda tem significado.” (MARCUSE, 1979, p. 17).

falsa para a verdadeira requer o resgate dos processos dialéticos. No entanto, o pensamento unidimensional é, cada vez mais, promovido, limitando o pensamento negativo (dialético), que perde o seu potencial crítico, cedendo lugar à Razão tecnológica, acrítica, decorrente da sociedade unidimensional, quer dizer, a Razão filosófica é aviltada pela Razão científica.

## REFERÊNCIAS

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Tradução de Maria Elisabete Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Tradução de Giasone Rebuá. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARCUSE, Herbert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. *In*: KELLNER, Douglas (ed.). **Tecnologia, guerra e fascismo**. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARCUSE, Herbert. **Contra-revolução e revolta**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981a.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981b.

MARCUSE, Herbert. **Filosofia e teoria crítica**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1.

MARCUSE, Herbert. **Marx y el trabajo alienad**. Traducción de Marcelo Pérez Rivas. Buenos Aires: Ediciones CEPE, 1972.

MARCUSE, Herbert. **Novas fontes para a fundamentação do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

MARCUSE, Herbert. **O fim da utopia**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social**. Tradução de Marília Barroso. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARCUSE, Herbert. **Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho da ciência econômica**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. v. 2.

MARCUSE, Herbert; POPPER, Karl. **Revolução ou reforma? uma confrontação**. Tradução de Anneliese Mosch F. Pinto. Lisboa: Moraes Editores, 1974.

Recebido em: 13 mar. 2023.

Aceito em: 2 jun. 2023.